

de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Mestre em Políticas Públicas e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Sociedade, da Universidade Estadual do Ceará. Bacharel em Ciências Políticas pela Universidade de Fortaleza. @ - jpcientistapolitico@gmail.com

Resenha

Compreendendo a cooperação dialógica: uma leitura de *Juntos* de Richard Sennett

João Paulo Bandeira de Souza*

SENNETT, Richard; **Juntos**: os rituais, os prazeres e a política da cooperação.
tradução: Clóvis Marques – Rio de Janeiro: Record, 2012.

A cooperação azeita a máquina de concretização das coisas, e a partilha é capaz de compensar aquilo que acaso nos falte individualmente. A cooperação está embutida em nossos genes, mas não pode ficar presa a comportamentos rotineiros; precisa desenvolver-se e ser aprofundada. O que se aplica particularmente quando lidamos com pessoas diferentes de nós; com elas, a cooperação torna-se um grande esforço. Richard Sennett (p. 09)

Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação é o segundo livro de uma trilogia que Richard Sennett denominou de “projeto homo faber”, que tem como tema geral “[...] as habilidades de que precisamos na vida cotidiana.” (p. 09). O primeiro livro da série foi *O Artífice*, “um estudo da artesanaria, o empenho de fazer bem as coisas materiais.” (p. 09), e o terceiro ainda não publicado é “um livro sobre a construção de cidades.” (p.09).

Após o lançamento em 2012, com o título *Together*, foi traduzido para o português por Clóvis Marques, tendo sido publicado no Brasil no mesmo ano pela Editora Record. O autor do livro é o estadunidense Richard Sennett, professor-visitante emérito da Universidade de Cambridge que escreveu obras famosas como: *Autoridade*, *Respeito*, *A cultura do novo capitalismo* e *A corrosão do caráter*, todos publicados no Brasil pela mesma editora. Não

Artigo
Recebido: 02/04/2013
Aprovado: 20/04/2013

é nosso intuito reduzir as obras e a vida de Sennett em poucas linhas. Ele é um clássico contemporâneo que, pela pujança e vigor de sua obra, dispensa apresentações reducionistas e apressadas.

A edição brasileira traz na capa uma fotografia famosa de Frances Johnston que “[...] mostra seis homens construindo uma escada cada um deles desempenhando uma habilidade diferente, mas todos agindo em conjunto, mutuamente conscientes, mas absortos no próprio trabalho.” (p. 80). Sennett lembra que o mais impressionante da foto é que eles não trazem no rosto nenhuma expressão, nem felizes e nem tristes, apenas absortos. O livro tem como foco a “receptividade aos outros”, a “[...] *cooperação como uma habilidade*. Ela requer a capacidade de entender e mostrar-se receptivo ao outro para agir em conjunto, mas o processo é espinhoso, cheio de dificuldades e ambiguidades, e não raro leva a consequências destrutivas.” (p.10). O estudo da cooperação se desenvolve por uma série de estudos de casos concretos e por pesquisas antropológicas, sociológicas, históricas e políticas, dialogando com esses saberes no intuito de compreender a cooperação a partir de várias perspectivas.

A cooperação é ao mesmo o *leitmotiv*, o refrão e o projeto da obra, que foi escrita como uma conversa dialógica “[...] e não em argumentação dialética combativa; procuro antes mobilizar o seu engajamento crítico do que convencê-lo de determinada posição. Quero praticar aqui mesmo a cooperação.”. (p. 44). As trezentas e setenta e sete páginas do livro não são um empecilho para sua leitura, o texto flui com leveza, é muito bem escrito, e propositalmente pouco erudito com vistas a atingir leitores para além das Universidades, essa intenção é revelada no prefácio diz Sennett: “Tentei eliminar quaisquer disputas acadêmicas – esporte sangrento sem grande valor ao leitor comum – das páginas desses livros ou confinei questões de erudição às notas.” (p. 11)

Partindo de uma reflexão sobre uma inusitada rebeldia de uma menina de seis anos numa escola do centro de Londres; sobre os programas de rádio da direita americana; sobre a situação de intolerância aos mulçumanos na Holanda; e sobre os nacionalismos europeus na primeira metade do século passado, o autor convida o leitor a pensar sobre o *tribalismo*, que é apresentada como a união da solidariedade com os que se parecem com a agressão aos que são diferentes. A condição tribal embora impulso natural, entre humanos pode ser contraproducente principalmente nas complexas sociedades contemporâneas, devido seus fluxos, trocas, interações de saberes, capitais, mão de obra, culturas, morais, religiões. “Tentar delimitar toda essa complexidade em um único molde cultural seria repressivo, politicamente, mentindo a nosso respeito”. (p. 14).

O livro pretende “[...] focalizar um pouco no que poderia ser feito a respeito da cooperação destrutiva do tipo nós-contra-vocês ou da cooperação degradada em conluio.” A saída seria um tipo de cooperação exigente e difícil que “[...] tenta reunir pessoas de interesses diferentes ou conflitantes, que não se sentem bem em relação umas às outras, que são desiguais ou simplesmente na se entendem. O desafio consiste em reagir aos outros nos termos deles. É o desafio de toda gestão de conflitos.” (p. 16).

Sennett acredita que a receptividade aparece na prática. São apresentadas vantagens de uma cooperação complexa: sustentam o grupo social nos infortúnios e reviravoltas; ajudam indivíduos e grupos a apreender as conseqüências de seus atos, facilita a auto-compreensão de cada um. A “cooperação intensa” exige habilidade, *techné*, a técnica de fazer algo bem feito. Cooperar é realizar com destreza as “habilidades sociais” sérias, que são as chamadas “habilidades dialógicas”: “ouvir com atenção, agir com tato, encontrar pontos de convergência e gestão da discordância ou evitar a frustração em uma discussão difícil.”

A cooperação entre diferentes sempre foi algo complicado, mas a sociedade moderna a debilitou de forma inédita, principalmente com o aumento vertiginoso da desigualdade nos últimos anos em todo o mundo, fazendo crescer cada vez mais a distância entre os poucos muito ricos e as maiorias empobrecidas. As mudanças no mundo do trabalho aumentaram o isolamento das pessoas e uma maior competição entre elas. O curto prazo, o temporário, a brevidade são a medida de tempo de: empregos, relações sociais, vínculos institucionais. Dificultando a resolução de problemas sociais e nos afastando do envolvimento com problemas alheios que não nos afetam diretamente.

As forças culturais agem contra a prática da *cooperação exigente*. Estamos vendo nas sociedades contemporâneas um tipo de pessoa que evita sobressaltos, que procura “sentir-se o menos estimulada possível por diferenças profundas.” A retirada é uma estratégia para reduzir provocações. A homogeneização do gosto também ajuda a enfraquecer o impulso de cooperar com os Outros. “O desejo de neutralizar toda diferença, de domesticá-la, decorre [...] de uma angústia em relação à diferença, conectando-se com a economia da cultura global de consumo.” (p. 19)

De acordo com Sennett, “a sociedade moderna está desabilitando as pessoas da prática da cooperação.”, processo que vem se desenvolvendo desde a substituição de homens por máquinas no século XIX passando pela perda da capacidade das pessoas de lidarem com diferenças insuperáveis entre elas, o isolamento causado pela lógica material geradora de desigualdade, o emprego

temporário, os contatos sociais superficiais que geram medo e ansiedade em relação aos outros, a violência demasiada, que veem contribuindo com destruição as habilidades de cooperação necessárias para vivermos numa sociedade complexa como a atual estão sendo perdidas. A tese de Sennett não se baseia num nostálgico passado longínquo, para ele capacidade de cooperar está enraizadas nas etapas iniciais da vida o indivíduo, e não desaparecem quando adultos. O que está acontecendo é que os recursos de desenvolvimento da *cooperação dialógica* estão sendo desperdiçados pela sociedade contemporânea.

Sennett lembra que o bebê humano vive um “estado de devir fluído”, pois nos primeiros anos de desenvolvimento as mudanças de sensação e percepção são muito rápidas e moldando nossa capacidade cooperar. É na interação e liberdade de experimentação com mamilo da mãe, com brinquedos, com as outras crianças que é adquirida a consciência da separação física, de que os outros são seres separados. As primeiras experiências de cooperação são um ensaio para a vida e guardam dele duas de suas características mais importantes: a estrutura e a disciplina. No ensaio “a repetição proporciona uma estrutura disciplinar; repassamos repetidas vezes as mesmas coisas, procurando aperfeiçoá-las.” (p. 23). A repetição faz parte da brincadeiras infantis, bem como o fato de ouvir a mesma história várias vezes, mas a partir dos quatro anos eles não apenas repetem mecanicamente, começam a tentar melhorar naquilo que estão realizando. A Introdução segue expondo que:

[...] nos ensaios e conversas, buscamos alguns princípios que tornam a cooperação mais aberta. Esse princípio é a cooperação dialógica.[...] A cooperação dialógica pressupõe um tipo específico de abertura, mobilizando a seu serviço antes a empatia que a simpatia. Como revelou a experiência com o Google Wave, a cooperação dialógica não é fácil de praticar; os programadores que criaram essa tecnologia não a entenderam. (p.157)

O livro é organizado em nove capítulos agrupados em três partes. Vejamos cada uma delas a seguir. A primeira parte foi intitulada: *Moldando a cooperação*, “[...] O foco aqui é a solidariedade, pois o espírito do nós-contra-eles está fortemente enraizado na moderna paisagem política. [...]” (p. 44); aqui cooperação é estudada na “sua relação com a solidariedade, com a competição e com o ritual. A solidariedade tem sido uma obsessão na política moderna.” (p. 158). Essa parte é composta por três capítulos: 1. “A questão social”: os reformistas exploram um enigma em Paris, 2. *Equilíbrio Frágil: competição e cooperação na natureza e na cultura*, 3. A “grande inquietação”: como a reforma transformou a cooperação.

O primeiro capítulo discute uma questão que divide a esquerda desde o início do século XX, o modo como a solidariedade deve ser construída: se forjada de cima para baixo ou criada de baixo para cima. Fazer política de cima para baixo é ter que constituir e preservar coalizões, o que significa ter que enfrentar “problemas especiais na prática da cooperação”, tornando muitas vezes tais formas de solidariedade socialmente frágeis, aqui a coesão entre as pessoas não se faz necessária. Já a solidariedade criada de baixo para cima visa a coesão entre aqueles que discordam e embora possa ser socialmente forte sua força política é na maioria dos casos débil e fragmentada, aqui o que importa é mostrar-se aberto às pessoas diferentes e se envolver com elas.

Essa forma de solidariedade é apresentada a partir de duas experiências: a dos organizadores comunitários e dos organizadores das oficinas. Os organizadores das casas comunitárias tiveram que enfrentar essa questão diante conflitos étnicos e raciais. Os organizadores de oficinas enfrentaram o problema da divisão do trabalho, pois buscavam descobrir como era possível “incitar a coesão entre as pessoas com diferentes tipos de tarefas.” (p. 158)

De viés antropológico, o capítulo 2 enfrenta a questão da passagem da natureza à cultura, refletindo sobre a busca do equilíbrio entre cooperação e competição, a partir do fato de serem os humanos, em sua natureza, animais sociais. Sennett parte de duas visões que negam a cooperação entre os homens em seu estado natural: a das grandes religiões monoteístas, que considera o homem uma criatura falha que destruiu o Éden, e a de Thomas Hobbes, que percebe os homens como seres não cooperativos e praticantes de uma competição mortal; para refutá-las com argumentos da etologia contemporânea que ensina que os animais sociais “[...] alcançam um delicado equilíbrio entre a cooperação e a competição no trato recíproco. O equilíbrio é frágil porque o ambiente natural está constantemente mudando, mas ainda assim pode ser alcançado através das trocas.” (p. 158).

O capítulo segue apresentado um espectro de formas de troca composto por trocas do tipo altruísta, ganhar-ganhar, troca diferenciada, soma zero tudo-ao-vencedor, o autor afirma que o equilíbrio entre competição e cooperação acontece mais facilmente nas trocas diferenciadas. Ao cabo do capítulo nos deparamos com uma original abordagem sobre as relações entre a cooperação e o rituais, aqui o ritual é apresentado como “uma forma especial encontrada pelo animal social humano para organizar as trocas equilibradas, rituais por nós inventados, rituais impregnados de paixão quando se tornam performances habilidosas.” (p. 159).

O último capítulo da primeira parte mostra como A Reforma trouxe não apenas mudanças religiosas, mas mudanças significativas nas formas de cooperação

na Europa Moderna. Partindo desse contexto específico, o autor demonstra como a cooperação foi historicamente moldada. “As maneiras de cooperar tornaram-se uma questão no alvorecer da era moderna, quando a ciência começou a se separar da religião e a própria religião dividiu a Europa.” (p. 44). O alvorecer da modernidade foi um significativo momento de “trocas de cultura cooperativa [...] na prática religiosa, na organização do trabalho nas oficinas e no surgimento da civilidade entre diplomatas profissionais e nos comportamentos da vida cotidiana.” (p. 159). Este capítulo tem como fio condutor uma interpretação do quadro *Os embaixadores*, de Hans Holbein, o Jovem, de 1533, obra que ajuda a entender os primórdios da modernidade e as mudanças que trouxe consigo.

A segunda parte do livro intitulada *Enfraquecendo a cooperação* dispõe “[...] sobre as maneiras como a cooperação pode ser debilitada, é de natureza sociológica, voltando se para o presente. [...]” (p. 44). Essa debilitação da cooperação é explorada no capítulo “[...] em três vertentes: das desigualdades na infância, do trabalho adulto e da formação cultural do ego. Mas essa perda não é fatal; pode ser reparada [...]”. (p. 238). Nessa parte do livro, o fio condutor é um exame arguto sobre as reformas exigidas na época na qual vivemos, buscando deixar claro que se fazem necessárias providências sociais que mudem as atuais formas de cooperação. “O capitalismo moderno vive em desequilíbrio entre a competição e a cooperação, assim tornando a própria cooperação menos aberta, menos dialógica.” (p. 159).

A parte dois é composta por três capítulos. O capítulo 4, *Desigualdade: imposta e assimilada na infância*, uma investigação sobre os modos como as crianças têm sua experiência cooperativa afetada pelas desigualdades que vivenciam. O capítulo 5, *O triângulo social: como as relações sociais azedam no trabalho*, “explora a erosão da cooperação na interação adulta; concentro-me particularmente, aqui, no acanhamento das relações de cooperação, autoridade e confiança no trabalho.” O capítulo 6, *O eu que não coopera: Psicologia da Retirada*, “contempla um novo tipo de caráter que surge na sociedade moderna, um eu a-cooperativo, despreparado para lidar com a complexidade e a diferença.” (Cf. p. 44).

Na parte três do livro, *Fortalecendo a cooperação*, são examinadas “[...] as maneiras como a cooperação pode ser fortalecida, centrando a atenção nas habilidades capazes disso. [...]” (p. 44). Aqui, Sennett desenvolve mais substancialmente seu entendimento da cooperação como uma habilidade. Como nas partes precedentes, repete-se a divisão em três capítulos. O capítulo sete: *A oficina: fazer e consertar* trata do que pode ser aprendido a respeito da vida social por meio da arte de fazer e consertar objetos físicos;

no oitavo capítulo: *Diplomacia cotidiana: conversas de reforma postas em prática*, o autor discorre sobre o que chama “diplomacia cotidiana”, a saber: “[...] a arte de interagir com pessoas das quais discordamos, das quais talvez não gostemos ou que não entendemos; as técnicas nesse sentido têm a ver com práticas de performance.” (p. 45). O nono e derradeiro capítulo do livro: *A comunidade: a prática do compromisso*. É uma exploração do compromisso, e procura compreender quais das muitas formas e graus de compromissos existentes, devemos escolher quando nos propomos a sermos cooperativos e receptivos com os outros.

Propositadamente o livro não tem uma conclusão, finaliza com um pequeno ensaio chamado *Coda: o gato de Montaigne*, no qual Sennett, partindo de uma provocação feita por Michel de Montaigne (1533-92), no fim da vida, traz à tona mais uma vez a forma “exigente de cooperação” que o livro trata, por meio de uma instigante e dialógica metáfora. A pergunta diz: “Quando estou brincando com meu gato, como posso saber que ele não está brincando comigo?”, o professor norte-americano entende essa pergunta que “[...] resumia a velha convicção de Montaigne de que não podemos realmente conhecer a vida íntima do outros, sejam gatos ou outros seres humanos.” (p. 329), como um símbolo da cooperação dialógica por ele defendida, uma metáfora que ajuda a compreender a ideia de que apesar de não entendermos o que se passa nas mentes e corações dos outros, tal “[...] falta de entendimento recíproco não nos deve impedir de nos relacionar com os outros; queremos que algo seja feito em conjunto. É esta conclusão simples que espero possa o leitor extrair de um estudo complexo.” (p. 329)

Montaigne é mestre do pensamento dialógico, desenvolveu a escrita dialógica e buscou formas de torná-la útil à cooperação cotidiana, defendia a “construção do engajamento político de baixo para cima, com base na cooperação comum em comunidade.” (p. 330). Através de conversas informais, dos rituais de trabalho, procurou entender como poderia ser possível esse projeto de participação a partir do zero. O gato de Montaigne ajuda a salientar outros aspectos da “cooperação prática dialógica”: a especialização, informalidade e a empatia.

Outra lição muito útil tirada do diálogo que Sennett desenvolve com Montaigne diz respeito à arte da conversação, que para o francês “[...] significava a capacidade de ser um bom ouvinte, [...] uma questão de estar atento tanto ao que as pessoas declaram quanto àquilo que presumem” (p. 331), avesso ao “fetiche da afirmação” Montaigne ensinava que “A afirmação muito enfática anula aquele que ouve [...] a afirmação do superior conhecimento e autoridade de um orador desperta no ouvinte dúvida quanto a seu próprio julgamento; do sentimento de intimidação deriva o mal da submissão passiva” (p. 331).

Impelido pela conjuntura instável do seu tempo, onde qualquer discussão poderia acabar em violência, Montaigne abdicou de usar argumentos dialéticos e passou a desenvolver a conversa dialógica. Abaixo, segue uma citação que, apesar de longa, é fundamental para explicarmos como Sennett entende a dialógica:

“Dialógica”, na verdade é o nome moderno de uma prática narrativa muito antiga; ela é utilizada pelo historiador antigo Heródoto, criando um mosaico de fragmentos que, como acontece nos ensaios de Montaigne, acaba gerando uma forma mais ampla perfeitamente coerente. Mas, em minha opinião, Montaigne foi o primeiro a se valer dessa prática literária com certa habilidade: a narrativa fragmentária neutraliza a agressividade do leitor. [...] Para Montaigne, era este o objetivo da dialógica: *examinar as coisas sob todos os aspectos para enxergar os muitos lados de qualquer questão ou prática, permitindo essa mudança de foco que as pessoas se tornem mais calmas e objetivas em suas reações.* (p.332) Grifos Meus

Para Sennett, o filósofo Montaigne foi homem do seu tempo e se entusiasmava com a habilidade técnica, ao contrário dos dispositivos técnicos na mesa da pintura os *Embaixadores* de Holbein, ele se interessava por *artefatos cotidianos*, tornos mecânicos, bombas de água, encanamentos era sua paixão. Essa predileção aparece no texto para conduzir ao pensamento que os hábitos consolidam uma habilidade, mas que os *bons hábitos* são apenas aqueles que permanecem livres para produzir diferentes resultados. Sennett desenvolve esta noção presente em Montaigne e afirma no livro que, “[...] modulando seus hábitos, as pessoas tornam-se mais interativas, tanto na exploração de objetos quanto no envolvimento recíproco. O ideal do artesanato orientou nossa investigação sobre o fazer e consertar objetos físicos e relações sociais.” (p.333).

Por fim, apresento as ideias finais do livro: a) A ideia de Montaigne sobre a informalidade: “Em qualquer posição que estejam, os homens se amontoam e se acomodam, misturando-se e se movimentando, exatamente como objetos atirados em um saco se ajeitam.” (p. 333); b) A ideia que diz: “[...] voltar o olhar para fora gera um vínculo social melhor do que imaginar que os outros estão refletidos em nós mesmos ou fazer como se a própria sociedade fosse construída como um salão de espelhos. Mas o olhar para fora é uma habilidade que devemos aprender.” (p. 333). Sennett afirma que ainda devemos nos tornar modernos, que a sociedade não soube lidar com as tecnologias que criou e diz mais:

O século XX perverteu a cooperação em nome da solidariedade. [...] a própria vontade de solidariedade induz ao comando e à manipulação de cima para baixo. [...] O poder perverso da solidariedade, em sua forma nós-contra-eles, continua vivo nas sociedades civis das democracias liberais [...] A solidariedade tem sido a resposta tradicional da esquerda aos males do capitalismo. Em si mesma, a cooperação não tem aparecido muito nas estratégias de resistências. (p. 334-335)

c) Sennett aponta que a forma do capitalismo contemporâneo dificulta o estabelecimento de vínculos entre trabalhadores, por ocasião dos trabalhos de curto prazo e fragmentados, aprofunda as desigualdades entre os ricos e pobres, fazendo com que cada vez mais um destino comum compartilhado entre ambos não tenha possibilidade de ser construído. Desvinculado da autoridade, o poder das elites globais segue se afastando da responsabilidade para com os outros habitantes do planeta e suas demandas e sonhos. Tudo isso é um palco mais que propício ao aparecimento de solidariedades destrutivas do nós-contra-eles. Em nossa sociedade, afirma Sennett, o ritual está ausente e sem os rituais seu papel de aliviar e resolver ansiedades foi perdido na sociedade moderna.

Embora o último parágrafo do livro nos alerte que “Hoje, o efeito cruzado dos desejos de garantir a solidariedade em um ambiente de insegurança econômica é a brutal simplificação da vida social: nós-contra-eles associado a você-está-entregue-a-si-mesmo.” (p. 336). O livro termina de forma otimista, confiante na capacidade dos homens de viverem juntos, que embora reprimida e distorcida pelas *brutais simplificações* contemporâneas, não foi por elas eliminada e nem poderão ser. E assim o livro é finalizado: “Como animais sociais, somos capazes de cooperar mais profundamente do que imagina a atual ordem social, pois trazemos em nós o simbólico e enigmático gato de Montaigne.” (p. 336).

Juntos é leitura fundamental aos que desejam planejar, gerir e avaliar políticas públicas em qualquer área de formas mais dialógicas e cooperativas, quebrando a lógica da política argumentativa dialética discursiva que, fazendo uso do “fetiche da afirmação”, implanta políticas públicas de cima para baixo, fundadas em interesses políticos de ocasião, muitas vezes alheios e distanciados das reais demandas dos que deveriam ser beneficiados por essas intervenções públicas.

A ideia de uma cooperação dialógica, fundada na escuta do outro, criada de baixo para cima, vem colaborar com o que já é quase um truísmo entre

os estudiosos das políticas públicas: a proposição de que cada vez mais as pessoas comuns devam ser incluídas nos debates sobre a formulação e implantação das políticas públicas, através da criação de espaços e mecanismos que garantam e possibilitem seu envolvimento, esclarecimento e participação de forma ativa e em conjunto com seus concidadãos, que cada vez mais as maiorias interfiram cooperativamente nos rumos das decisões sobre o planejamento e execução dos negócios e ações públicas que envolvam recursos públicos, impactos sociais, culturais, políticos e ambientais.

Em outro sentido, o livro abre a possibilidade de que pensemos na criação de políticas públicas que fortaleçam a cooperação dialógica entre as pessoas, formas de participação que nos reabilitem como seres da cooperação, da escuta mútua, capazes de inventar na caótica convivência entre diferentes, novos modos de consertar, de reformar e porque não de reinventar a cooperação no âmbito das formulações, gestões e avaliações das políticas públicas, que poderiam ser ações menos dialéticas e mais dialógicas.

Espero que esta resenha tenha atingido seu objetivo, o de incentivar que o leitor ou leitora vá à biblioteca ou livraria mais próxima, virtual ou não, e continue esta conversa com Richard Sennett sobre a cooperação dialógica, lembrando de buscar em si mesmo o gato enigmático e cooperativo que nos torna capazes de agir em conjunto com aqueles que temos diferenças irreconciliáveis para criar outras formas mais cooperativas de experimentarmos o fato